

O Curitibano Histórico

Herbert Munhoz van Erven

Foi, como ninguém ignora, o litoral paranaense — cerca de meio século após a descoberta do Brasil — povoado por levas de portugueses oriundas de Cananéia e São Vicente. Chegaram êles, pelo rio Nhundiaquara e por estreitos carreiros, a Morretes, estendendo-se até a raiz da imponente serra do Mar. Galgaram-na, depois, superando dificuldades inauditas, atingindo o primeiro planalto curitibano. Rocha Pombo, um dos três maiores historiadores brasileiros, observa: "Enquanto se faziam lentamente estas penetrações pela marinha, outros aventureiros entravam pelo norte. Os colonos de S. Vicente começaram a entrar, principalmente rumo do sul, por meados do século XVI. E assim se foi conhecendo a zona dos Campos Gerais, por onde é provável que com as vicentistas se pusessem logo em concorrência os aventureiros que de Paranaguá chegavam ao planalto de Curitiba e iam avançando para oeste. Como se sabe, nos primeiros tempos (desde os meados do século XVI) eram os jesuítas, no entusiasmo de sua função, pioneiros mais abnegados e audaciosos na avançada sobre os sertões". (R. P. — "História do Paraná", 1930).

Povoava-se ao mesmo tempo, ainda que de modo escasso, o extremo oeste do território, descoberto — até o Paraguai — pelos portugueses Aleixo Garcia e dom Gonçalo da Costa, em 1525, se não há engano.

Castelhanos, acompanhando dom Alvaro Nunes Cabeza de Vaca, adelantado de Assunção, seguindo pelos sertões, do Atlântico ao Paraná, chegaram às barrancas do rio, em 1541. Treze grandes reduções jesuíticas constituíram, mais tarde, naquela região, a província indocristã de Guaíra.

Estendia-se entre os dois núcleos de população ibérica, a oriental e a ocidental, separando-os, a verde ondulada dos incomensuráveis campos iluminados intensamente pelo sol planaltino ou a meia-luz da catedral imensa dos pinheirais, com milhões de cúpulas formadas pelos guarda-sóis gigantescos, encimando hercúleos troncos da "araucária-brasiliensis".

x x x

O "curitibano" (sinônimo histórico do atual paranaense) possuía, uma centúria depois da sua fixação ao solo, personalidade bem definida. Romário Martins, o inigualável estudioso do pretérito paranaense, falecido em 10 de setembro de 1948, documenta perfeitamente a assertiva. Diz o grande historiador: "O curitibano — designação geral do habitante da comarca paulista de Curitiba — constitui um tipo étnico diferente dos demais grupos de povoadores da capitania de S. Paulo.

k) — Nomear o Orador Oficial, Terinador, Capi-Êsse fato foi notado pelo governador D. Luís Antonio Ayres de Cazal, Saint Hilaire e outros. D. Luís, em 1770, achou que essa "gente de Curitiba" era semelhante ao índio nos costumes, habituada ao uso do cavalo, audaciosas nas suas empresas sertanistas e "propensa a desertar para o lado dos castelhanos por seu mui parecida com êstes."

A prosódia paranaense conserva muito dessa influência. O emprêgo do você e outros elementos idiomáticos sustentam firmemente a tese.

Curitiba era um importante centro de recrutamento no Brasil colonial e no primeiro império, dadas as características guerreiras e o feitiço moral de sua gente. Eram, frequentemente, drenados os elementos mais aventureiros para as bandeiras e campanhas militares. Não retornava a maioria dêles, sendo essa uma das causas, por certo, de não possuir a cidade de Curitiba, na atualidade, pelo menos o dôbro do número de habitantes: 320.000 em vez de 160.000, sucedendo o mesmo com outras cidades da Comarca.

Recorda ainda hoje Curitibanos, em Santa Catarina, na clareza toponímica, o deslocamento da população para o sul.

Permaneciam em Nossa Senhora da Luz dos Pinhais (nome de Curitiba nos primórdios) portugueses natos, "sem cruz americana", atraídos pela mineração. Curitiba é ainda distrito aurífero.

Refere, em 1820, Saint Hilaire, tão bem traduzido pelo historiador Davi Carneiro, não ter conhecido em nenhuma parte do Brasil tantos homens verdadeiramente brancos como no distrito de Curitiba.

Impressionou-o bem a singeleza e a hospitalidade do curitibano: "Desde que cheguei ao Brasil, não fui melhor recebido em parte alguma."

x x x

Falámos, por exigência sistematizadora, sucintamente embora, do português e do espanhol. O "curitibano", primeira etnia obtida nos 3 planaltos, ficou ligeiramente mencionado. Relacionemos, pela mesma exigência e com a concisão que nos for possível ter, o elemento caldeizador.

Eram do numeroso grupo tupi as tribus que dominavam as terras regadas pelos rios Paranapanema, Paraná, Tibagi, e Iguaçú.

Os indígenas encontrados pelos lusos, no litoral, eram carijós. Hans Staden havia entrado em contacto com tupiniquins em Guaraquessaba, as quais atribue a impressão que dêle tiveram: "o meu almôço vem andando"...

O planalto curitibano era habitado pelos tinguis

("tin"-nariz; "gu"-afilado — segundo R. Martins).

Moravam em buracos abertos no campo, certamente para abrigarem-se do frio. Chamavam-nos os espanhóis mbiazais. Não hostilizavam o homem branco.

Telémaco Borba, autor de "Atualidades Indígenas", observador direto em muitos anos do sertanismo e muita pesquisa etnográfica, deixou-nos valiosos subsídios de indilogia.

Entrou na obtenção do curitibano histórico, farta-

mente, o sangue índio dos grupos crên (Martius) ou caiapó (von der Stein), mörmente caingangs (cain: mato, gang: homem), camês, vatorões, rucrés, curutons, etc. O grupo gê pouco deve ter influido, dada a hostilidade e antiguidade ("homem dos sambaquis", pré-histórico).

Foi, sem dúvida, o grupo tupi, através das tribus carijós e tingui, o grande elemento autóctone na formação do curitibano histórico.

x x x